

# A (DES)CONSTRUÇÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA EM *PRATA DO TEMPO*, DE LETICIA WIERZCHOWSKI

THE (DE)CONSTRUCTION OF MALE DOMINATION IN *PRATA DO TEMPO*, OF LETICIA  
WIERZCHOWSKI

Gabriela Fonseca Tofanelo<sup>43</sup>

**RESUMO:** No romance *Prata do Tempo*, Leticia Wierzchowski retrata quatro gerações de uma mesma família. Com isso, é possível vislumbrar um retrato da sociedade e suas constantes mudanças, como, por exemplo, acerca da condição da mulher e do casamento. Aspectos moldados, durante muitos anos, pela ideologia patriarcalista. O que se observa é que o romance evolui conforme a sociedade, com o advento na obra até a desconstrução desta pelas diversas personagens com o passar dos anos. Para isso, se embasa, entre outros, nos pressupostos teóricos de Pierre de Bordieu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prata do Tempo; Autoria Feminina; Dominação Masculina; Leticia Wierzchowski.

**ABSTRACT:** In the novel *Prata do Tempo*, Leticia Wierzchowski draws nearly a century of narrative, depicting several generations of the same family. Thus, it is possible to glimpse a portrait of society and its constant changes, for example, the status of women. This condition for many years shaped by patriarchal ideology. What is observed is that the novel evolves as society, with the advent of the feminist movement and the struggle of women to guarantee their rights. Such research will therefore address the marking of the ideology of male dominance in the deconstruction of this novel through the various characters over the years. For this, will be used the theoretical assumptions of Pierre Bourdieu.

**KEYWORDS:** Prata do Tempo; Female Authorship; Male Domination; Leticia Wierzchowski.

## 1. PARA INICIAR

O casamento nem sempre esteve associado com o ideal do amor. Essa instituição nasceu a partir de ideais políticos e econômicos, com o objetivo da

---

<sup>43</sup> Doutoranda em Letras na Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: [gabriela.tofanelo@gmail.com](mailto:gabriela.tofanelo@gmail.com)

reprodução, como observa Ieda Porchat, em *Amor, casamento e separação: a falência de um mito* (1992). Desde os tempos antigos até à Idade Média, a união dos filhos era arranjada pelos pais. Dessa forma, o casamento não tinha por ideal o relacionamento amoroso, mas sim um bom negócio entre famílias estabelecido como em um contrato. Somente a partir do século XIX é que o casamento foi visto como um “local onde os indivíduos poderiam esperar apoio emocional”, como aborda Anthony Giddens, em *As transformações da intimidade* (1993). Embora o amor romântico suponha uma igualdade de envolvimento emocional entre duas pessoas, com a possibilidade da criação de um vínculo durável, as mulheres, por muito tempo, foram mais afetadas pelos seus ideais. Os sonhos do amor romântico conduziram (e ainda conduzem) muitas mulheres à sujeição doméstica. Para o autor (1993), a origem do amor romântico está associada à imagem da mulher pura, esposa e mãe, de modo que tal amor é “essencialmente um amor feminilizado” (GIDDENS, 1993, p. 54). Dessa forma, cria-se, no imaginário popular, a ideia de que o casamento é o destino de toda mulher, que vive à espera do amor e só se realiza como mulher ao se casar e ter a chance de se dedicar ao lar, ao marido e aos/às filhos/as, ou seja, subordinar-se a tudo que é ligado à esfera doméstica.

Na teoria feminista, o sistema patriarcal é definido como o controle e a repressão da mulher pela sociedade, constituindo a forma histórica mais importante da divisão e da opressão social. Segundo Beauvoir (1980, p.198), trata-se de um conjunto universal de instituições que legitimam e perpetuam o poder e a agressão masculina. Nessas condições, a mulher, por muitas vezes, permanece presa a um casamento infeliz, isso porque tem de ser submissa ao ideal patriarcal que dita as regras sociais, já que deixar essa condição a tornaria mal vista pela sociedade.

O período literário denominado Romantismo, no século XIX, é essencial para perpetuar essa representação ao retratar o ideal de vida da mulher, que só cumpriria seu destino no casamento, à espera do famoso *happy end*. Já em um

momento posterior, o Realismo surge com obras que visam combater à idealização acerca do amor e do casamento romântico, demonstrando as crises dessa instituição. Porém, ao criar personagens que fogem desse modelo, em uma tentativa de mostrar a ruína da idealização do romantismo, os textos realistas, por vezes, relegam a culpa pelo fracasso do casamento à mulher.

Personagens clássicas do realismo europeu são severamente punidas pelas transgressões que operam em relação aos clássicos papéis femininos. É o caso de Ema Bovary, protagonista de *Madame Bovary* (1857), Gustave Flaubert, e Luiza, de *O Primo Basílio* (1878), Eça de Queirós, romances que possuem como tema central o adultério feminino. O desfecho trágico das trajetórias dessas personagens salienta-lhes a culpa pela transgressão e, ao mesmo tempo, sua devida reparação. Em contrapartida, as transgressões masculinas são recebidas pela sociedade oitocentista, alicerçada na ideologia patriarcal, como natural, aceitável e até positiva, já que lhes salienta a virilidade.

Isso posto, no item que segue tratamos de analisar o modo como se processa o casamento no romance *Prata do Tempo* (1999), de Leticia Wierzchowski. O romance, ao abarcar um século de narrativa e quatro gerações de mulheres de uma mesma família, põe em evidência o declínio do patriarcado.

## 2. AS TRANSGRESSÕES POSSÍVEIS

“É uma história que talvez não tenha fim” (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 7). Frase logo do início de *Prata do Tempo*, de Leticia Wierzchowski, em que Laila, a narradora do romance, já anuncia de que se trata de um enredo longo, pelo qual se passam muitos anos, e por ser assim, retrata diversas gerações de uma mesma família de forma que é possível fazer um paralelo do contexto histórico em que as personagens do livro estão situadas (segunda metade do século XX), a diversas situações que remetem à história, sendo uma das funções da literatura, como mostra Goldman ao afirmar que a literatura é uma forma

fictícia e verossímil de representar, através de seus personagens, a sociedade em questão, ora saciando os desejos implícitos do ser humano, ora criticando as formas de pensar / agir da sociedade (1972).

Nesse sentido, saltam aos olhos as constantes mudanças de mentalidades no que se refere à condição da mulher na narrativa. Representando várias gerações da família Serrat, tem-se, desde o relacionamento totalmente construído dentro de uma ideologia patriarcal de submissão feminina ao homem, a relacionamentos em que o amor e o respeito do homem para com a mulher predominam. E ainda, mulheres donas de seu destino, marcadas por vontade, desejos e poder de ser o que quiserem.

Por muito tempo emudecida, sem direitos e sem lugar na sociedade, vivendo à sombra dos homens, a mulher ficou também excluída do âmbito da literatura. É só olhar para os famosos cânones literários, tanto estrangeiros quanto nacionais, e verificar que são encontrados somente nomes masculinos. Algumas mulheres que quiseram ainda se aventurar nesse mundo da escrita, tiveram que o fazer às escuras, como bem esclarece Lobo no excerto abaixo:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no sério mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos. (LOBO, 1999, p.5)

Se do ponto de vista da autoria a mulher era excluída e impedida de representar-se, aos homens cabia o papel de representá-las, ou mal representá-las, isto porque se observa que as personagens sob o ponto de vista do cânone masculino eram sempre reproduções de estereótipos culturais: “o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que

a cercam” (ZOLIN, 2009, p. 226), sendo somente esta última, a de anjo, vista com uma conotação positiva.

Porém, ao longo do século XX foram diversas as conquistas empreendidas na esfera social pelo movimento feminista, as quais reverberaram no universo literário, ou seja, a mulher deixa de ser apenas representada e passa também a representar.

Por todos esses aspectos supracitados, parte-se para a análise de *Prata do Tempo*, um romance contemporâneo, que data de 1999. A metodologia escolhida foi a de acompanhar a linha narrativa e evolutiva do romance de acordo com as diversas gerações que nele se apresentam, buscando discussões teóricas, quando necessário, principalmente nos pressupostos acerca da dominação masculina, de Pierre de Bordieu.

### 3. A CONSTRUÇÃO

A proposta do romance *Prata do Tempo*, de Leticia Wierzchowski, é a de retratar diversas gerações de uma mesma família, a Serrat, e, para isso, vale-se da narradora homodiegética, Laila, que, instigada por descobrir suas origens e perpetuar o passado e a história de sua família, a narradora Laila busca as memórias familiares: “o que eu contarei será também a soma das coisas que eu imaginei, vi e vivi nesses muitos anos.” (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 7). São ao todo mais de 10 personagens, que perfazem quatro gerações da família Serrat, num intervalo temporal de quase 100 anos. Consideradas as personagens em ordem cronológica, tem-se Leontina e Lombardo, avó e avô da narradora; seguem-se os filhos Alice e Augusto, que se casa com Eleanor, e desta união tem-se a narradora Laila. Laila ainda possui um filho, Theodoro, e uma filha, Ariana, fechando as quatro gerações da família.

A narrativa tem início, portanto, com a reflexão acerca do casamento arranjado entre seu avô Lombardo e a sua avó Leontina. Esta foi vítima de uma

sociedade construída nos moldes patriarcais, em que o casamento consistia no destino da mulher e na sua conseqüente submissão ao homem: “O esposo tornava-se mais maçante e odioso a cada dia, tratando-a como uma simples empregada na qual mandava e desmandava, segundo seus caprichos e seu humor sempre precário.” (WIERZCHOWSKI, 1999, p.18)

A cena em que a personagem descobre a traição de seu marido com a empregada funciona como exemplo de o quanto a mulher, no contexto patriarcal, estava submetida ao homem e incapacitada de escapar de situações de opressão, de humilhação, de rebaixamentos, enfim, de toda ordem:

Enquanto esfregava os dedinhos tenros, ouviu, murmurantes, uma série de gemidos continuados. A avó parou o que estava fazendo e aguçou os ouvidos, atenta àqueles estranhos sussurros. Percebeu, então, uma voz grossa e abafada de homem segurando o gozo, que vinha do interior da despensa de alimentos. (WIERZCHOWSKI, 1999, p.24-25).

Após a cena acima, ao tentar sair de casa, a explicação da mãe reforça o ideal de mulher esperado pela sociedade: “O amor só existe nos livros e para os homens, não se iluda” (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 21). E complementa: “Se você deixar seu marido não casa nunca mais. Vá, filha, que ainda dá tempo de organizar o almoço” (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 27).

É esse destino de mulher que a feminista Simone de Beauvoir (1980) problematiza. No segundo volume de seu livro *O segundo sexo*, publicado originalmente em 1949, as limitações associadas à mulher são refletidas a partir de sua afirmação de que o sexo biológico não deve definir os papéis que a mulher assume na sociedade. A autora aponta como a opressão patriarcal se engendra nos corpos das mulheres, condicionando-as ao apagamento, ao silêncio e à submissão.

Há, nesse caso, um silenciamento imposto pela mãe, representante da tradição patriarcal, que impede que Leontina tenha desejo e voz própria, obrigando-a a voltar para casa e cuidar do marido.

Verifica-se, portanto, que a mãe de Leontina, ambientada na primeira década do século XX, momento em que o feminismo ainda não tivera tempo de disseminar os ideais que buscam a igualdade entre os sexos, veicula a mentalidade patriarcal, de que a mulher é destinada ao casamento e seus percalços, conseqüentemente, condenada ao silenciamento e à resignação. A reação da família quando Leontina se posiciona em defesa de si e da sua felicidade é justificada e prevista. A ideia de que a mulher é submissa ao marido e destinada ao casamento foi sendo disseminada por milênios e arraigada nas práticas e discursos difundidos justamente pela família, como afirma Bourdieu (2005):

É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas, é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão (BOURDIEU, 2005, p. 103).

O sociólogo evidencia que as práticas sociais que determinam atitudes adequadas ou não para as mulheres fazem parte da cultura da dominação masculina, da qual deriva a chamada violência simbólica. Este termo parece eficaz para explicar o relacionamento de Leontina e Lombardo, pois trata-se de certas práticas que impõem a submissão da mulher ao homem, vista como aceitável, normal e até mesmo natural; cuja base está assentada nas estruturas que produzem, defendem e reproduzem o papel do homem como superior, são elas: a sociedade, a família, a escola, a Igreja etc. (BOURDIEU, 2005). É o reconhecimento de Leontina de que é incapaz de alterar a ordem das coisas estabelecida na sociedade.

Após o silêncio a que foi submetida pela mãe, a personagem vive outro tipo de silenciamento, mas dessa vez, ele é proposto por ela mesma, que, ao perceber que não possui voz para fugir do seu destino de mulher, decide não cumprir esse papel como esperavam dela. O silêncio de Leontina se torna, portanto, o seu local de transgressão.

A subversão da personagem fica posta em reações tímidas: “Odiava-o e atrapalhar a vida nos detalhes mínimos era o seu passatempo” (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 62). Ela não se presta a realizar os tradicionais papéis femininos que esperavam dela, como o de se esmerar na limpeza da casa, no preparo refeições:

A avó mal lhe falando, dormindo na beira da cama e de costas [...] a esposa sequer lhe dirigir um bom-dia e, como a avó salgasse toda a refeição sempre de mais ou de menos, caprichando no alho e na pimenta, o avô acabou por arrumar uma úlcera.(WIERZCHOWSKI, 1999, p.29).

Ela toma atitudes como as relatadas no trecho acima por uma espécie de vingança à traição do marido e, certamente, reação à resignação esperada da mulher.

Ao se ver grávida, Leontina, embora pareça somente estar desempenhando seu papel de mulher, vislumbra a oportunidade de uma salvação. Não do casamento, mas uma salvação para si mesma. E ainda cria o filho ao seu modo, diferente do modo como o marido Lombardo desejava e esperava:

O nascimento do meu pai serviu para amainar as horas mortas de Leontina; com ele, ocupava-se da manhã à noite, e era ela mesma a ferver-lhe a coar os chás, coser e bordar as roupinhas e cueiros, levá-lo para apanhar sol e aspirar, na prainha, o saudável ar marítimo. O avô fazia vista grossa a isso- achava mais certo que criasse o menino com retidão, sem modos que o poriam à beira de adquirir jeitos

femininos – mas andava ocupado demais com o escritório.  
(WIERZCHOWSKI, 1999, p.19).

Claro está que, do ponto de vista do marido machista e autoritário, Leontina não está cumprindo seu dever de esposa. Há que se salientar, todavia, que se o comportamento da esposa traída não é marcado pela resignação, a punição do marido adúltero não é, nem de perto, compatível com aquelas impingidas às heroínas realistas Ema Bovary, do romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert; e Luiza, de *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, que pagam com a vida a transgressão da fidelidade conjugal. Quando o homem é o responsável pela traição, ele só é julgado pela esposa. Esse tipo de conduta é denominada por Bourdieu (2005) como o “privilégio masculino” na sociedade. Porém, tal privilégio, nesta narrativa, é abalado já que a mulher reage, ainda que timidamente.

Segundo a lógica do privilégio masculino para Bourdieu (2005), não é só a mulher que possui papéis pré-determinados pela sociedade. Para o homem, por exemplo, há sempre a necessidade de se afirmar como tal, isto é, de demonstrar sua virilidade em toda e qualquer circunstância. Como é o caso de Lombardo que, ao descobrir a gravidez da esposa, profere, antes mesmo de saber o sexo da criança: “o maior varão que essas terras já viram.” (WIERZCHOWSKI, 1998, p. 18)

A trajetória de Leontina é marcada por uma tomada de consciência gradual. Diferente de sua mãe, a quem o casamento é a única e principal vivência de uma mulher, Leontina não quer que o sofrimento vivido ao lado do marido machista seja transmitido para as demais gerações de mulheres de sua família. Além de ela se recusar a cumprir os papéis tradicionais femininos e possibilitar as vivências do filho diferentes do esperado pelo pai, dá luz a uma menina, a quem, certamente, ensinará a não ser submissa. Para Lombardo, esse nascimento é uma frustração, que ressalta a ideologia viril: “Uma menina. Não

acredito – sua voz abafada pela raiva, pronunciava as palavras com vagar – como isso, Leontina?” (WIERZCHOWSKI, 1998, p. 35.). Lombardo chega a culpar a esposa por ter tido uma menina, algo inadmissível para ele, que, por essa razão, vai se afastando cada vez mais da família.

Com todos esses apontamentos para a transgressão da ideologia patriarcal, esse romance aponta para a desconstrução da dominação masculina e para o constante declínio do patriarcalismo, pois traça quase um século de narrativa, o que permite mostrar como essa família se desenvolve e passa por várias gerações. Percebe-se, portanto, que as mudanças de paradigmas ocorridas no romance fazem referência ao extraliterário, ou seja, representando, na literatura, a condição histórica da mulher na sociedade com a gradual emancipação feminina diante das conquistas do feminismo.

Assim, ao por em evidência esse ideal de casamento para a sociedade, Leticia Wierzchowski não está somente reproduzindo ideais de uma época, seu intuito é o de questioná-los. Por isso a temática é desenvolvida com base na subversão e na transgressão dos valores patriarcais, que serão discutidas posteriormente ao analisarmos as demais gerações oriundas desse casamento conturbado de Leontina e Lombardo. Alice, a filha do casal; e Laila, a neta, serão abordadas no tópico a seguir.

#### 4. A DESCONSTRUÇÃO

Apesar do lar de ideologia predominantemente patriarcal, Augusto Serrat não reduplica os ideais patriarcais. Há uma espécie de atitude de desconstrução do ideário patriarcal no romance quando o filho vira capitão de navio e viaja pelo mundo, o que segundo o pai é algo fútil e sonhador demais para um homem.

Tais mudanças de mentalidades são vislumbradas quando Augusto Serrat conhece Eleanor em uma de suas viagens e o seu comportamento é

totalmente divergente do de seu pai, ao buscar um relacionamento de verdade, em que o homem se doa totalmente ao amor, enquanto respeito, com desejo de construir uma família de verdade.

A enorme casa construída com o objetivo de abrigar a família exerce a função de representar este tão grande amor de Eleanor e Augusto, assumindo papel fundamental na narrativa, com múltiplos significados: é sinônimo de proteção e abrigo. E ainda, remete à ideia de que foi necessário construir outra casa que possibilitasse uma nova mentalidade e, assim, desconstruísse o ideal patriarcal existente na outra, de seu pai.

Tem-se também a outra filha de Leontina, Alice, que possui duas “fases” na narrativa. O fato de a personagem nunca ter vivido um romance gera uma grande inquietação nela, ora de revolta, ora de vergonha. Ao sujeito não é permitido fazer escolhas ou vivenciar situações que diferem da média geral sancionada, nesse caso, a da mulher-para-o-casamento. Isso demonstra o quanto o casamento era algo pressuposto e esperado pela sociedade, em outras palavras, a mulher precisava se casar para possuir uma identidade:

Já passada da idade de casar, a tia Alice não havia tido o menor flerte – primeiro por falta de pretendente, depois, por simples preguiça. Não que carecesse de beleza, pois tinha uma certa graça doce e afável, mas por ser tímida e caseira, satisfeita em atender a rotina doméstica e a sua gente. (WIERZCHOWSKI, 1999, p.102-103).

A despeito de um dia ter se envergonhado de sua solteirice, em certa altura de sua trajetória, a própria Alice percebe que não precisa se casar para ser feliz, já que se descobre feliz ao contribuir com as necessidades dos que a rodeiam, como faz ao longo de toda sua história, principalmente após a morte da cunhada, quando ela passa a cuidar da sobrinha, Laila.

Em verdade, fizera dos meus pais a sua história de amor, dividindo assim uma alegria segura com a qual se achava plenamente satisfeita. Era um amor tão bonito que podia viver dele também... Ainda ia nítido em sua memória o triste casamento do avô e de Leontina, as noites mudas e lentas em que ficava a família em torno da mesa, quase sem coisas a dizer. Não, Tia Alice não queria aquilo para si. Sabia que muitos casamentos eram infelizes. Por isso, por um certo medo de sofrer, ela vivia tranquila naquela casa de loucos com umas poucas quimeras para aquecer sua alma solitária (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 103).

Para a personagem, o celibato é uma escolha coerente com seus sentimentos, dando possibilidade para a escolha de seu próprio destino e de negar a tradição que dita que a mulher só se realiza como tal ao se casar.

Já a neta de Leontina, Laila, ao se deparar com a missão de narrar a saga de uma família cuja base está alicerçada no patriarcalismo, em que a avó sofre com a dominação masculina e é obrigada a silenciar-se diante do sofrimento daí advindo, a possibilidade de narração a partir da ótica feminina mostra-se como uma grande subversão, uma revisão dos valores familiares.

É no amor que a dominação masculina perde espaço, levando à representação de uma possível igualdade de gênero. Laila é filha de Augusto, que é filho de Leontina. Ambientado em um contexto marcado pelo avanço dos ideais feministas (segunda metade do século XX), Augusto mostra, ao se apaixonar e se casar, que os ideais machistas de seu pai não o influenciaram. Viveu um relacionamento pleno e inspirador e criou a filha com total liberdade.

Com Laila, fica evidente é a desconstrução do patriarcado na família, mesmo com o fato de possuir uma família tradicional, marcada pela submissão da mulher em suas raízes, consegue alcançar a quebra desses paradigmas ao longo das demais gerações.

Para exemplificar essa mudança dos papéis femininos que teve início com a personagem Laila, fica evidente em *Prata do Tempo* (1999), o papel da escola como perpetuadora dos estereótipos da sociedade patriarcal e a forma

como esta dita e restringe as trajetórias embasadas no sexo biológico. Segundo Bourdieu (2005), a escola, juntamente com a família e a Igreja, é uma das instituições encarregadas de reproduzir os ideais de dominação masculina pois “continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal [...], toda cultura acadêmica, veiculada pela instituição escolar nunca deixou de encaminhar, até época recente, modos de pensar e modelos arcaicos (tendo, por exemplo, o peso da tradição aristotélica que faz do homem o princípio ativo e da mulher o elemento passivo) e um discurso oficial sobre o segundo sexo” (BOURDIEU, 2005, P. 104)

Laila, ambientada na segunda metade do século XX, começa a ir para a escola já mais velha. O fato de ter crescido muito livre em sua casa, oriunda de uma família que sofrera muito com os desmandos do patriarcado e por isso, já se encontra liberta do peso da tradição, faz com que, ao chegar na escola, seja abordada constantemente de modo negativo por parte de suas colegas de classe, como no exemplo a seguir: “- minha mãe me disse que isso não são modos de meninas. - Pois eu sou menina e tenho esses modos” (WIERZCHOWSKI, 1999, p.156).

Em outra cena, sua tia é chamada à escola para uma conversa com a professora, que segue:

A tia que lhe entendesse, mas como professora era seu dever chamá-la para uma conversa; pois eu andava os meninos, tirava os sapatos durante a aula e, com a única desculpa do calor, era distraída e evasiva. [...] A professora disse que eu era doce, agradável e muito inteligente, mas que não era certo que uma menina fosse tão solta assim, pois quando eu ficasse mocinha podia ser mal interpretada pelos outros.

- Pois veja só, dona Amarílis – retrucou tia Alice, pensando bem as palavras – eu fui sempre uma menina quieta, calçada e bem comportada. Nunca, nunca tirei minhas meias por causa do calor. E lhe digo que isso de nada me adiantou nessa vida. Trinta e oito anos e nunca consegui casar. (WIERZCHOWSKI, 1999, p. 157).

O papel dessa professora mostra que, mesmo depois de passados muitos anos, sempre há resquícios da ideologia patriarcal na sociedade, que podem vir até mesmo de uma mulher. No caso desse exemplo, a personagem reproduz pensamentos machistas que determinam o modo como a mulher deve se portar. Todas as mulheres, na concepção da dominação masculina, devem ser “femininas, isto é, sorridentes simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou mesmo apagadas” (BORDIEU, 2005, p. 82).

Porém, Laila e a fala de sua tia mostram que os ideais estão mudando, e a mulher passa a pensar nela mesma. De acordo com Touraine (2011), para combater essa imagem de feminilidade imposta à mulher, deve haver um esforço de libertação e de formação de condutas independentes, o que culminaria na mudança da *mulher-para-o-outro* para a *mulher-para-ela-mesma*.

E, ainda, revela o autor que agora as mulheres se colocam diante delas mesmas, têm consciência de si e do que querem ser. A imagem da mulher passa a ser superada, portanto, é vista, primeiro, como destruição da construção da imagem feminina a partir da diferença, da oposição ao homem (TOURAINÉ, 2011).

Portanto, tem-se que Laila, como narradora do passado de sua família, após as gerações anteriores sofrerem com o domínio masculino, pertence a uma nova geração criada com muita liberdade. Ela revela ser dona de seu destino, escreve sua própria história, mostrando-se, desde cedo, uma criança despreocupada com o julgamento da sociedade em relação às suas atitudes e pensamentos. Assim, a personagem rompe com os paradigmas sociais, o que aponta para a desconstrução do patriarcado. E, ao construir sua família e ter um filho e uma filha, os traços patriarcais deixam de existir, formando a última geração representada na narrativa.

Se a vida contemporânea possui os laços afetivos cada vez mais frágeis e efêmeros, condicionados aos amores líquidos, apontados por Bauman (2004), em *Prata do Tempo* (1999), vê-se que é possível viver em uma família tradicional sem os ideais patriarcais e estereótipos machistas, pois o que importa é o valor dado ao amor e ao respeito em constante igualdade entre os gêneros. Esse é o mesmo caso do relacionamento entre Augusto e Eleanor, pai e mãe de Laila, e que continuará com as demais gerações, o marido e os filhos/as que vêm a ter.

As personagens analisadas nesta pesquisa são responsáveis por viver seus projetos da própria identidade de modo pleno e aponta para a reescritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. Trata-se de personagens libertárias, construídas a partir de uma concepção feminista do modo de estar da mulher na sociedade.

Há que se notar, portanto, que a literatura de autoria feminina brasileira, nessa pesquisa representada por Leticia Wierzchowski, tem feito emergir na contemporaneidade representações variadas de imagens femininas diferentes daquelas reduzidas a estereótipos calcados nas ideologias patriarcais.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner-4ªed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As transformações da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

LOBO, Luísa. *Literatura de autoria feminina na América Latina*. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998. Disponível em:

<<http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>> Acesso em 14 ago. 2014.

PORCHAT, Ieda. Pensando a dor da separação conjugal. In: \_\_\_\_\_ (org) *Amor, casamento e separação: a falência de um mito*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1992, p.103 – 126.

TOURAINÉ, Alain. *O Mundo das Mulheres*. Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

WIERZCHOWSKI, Leticia. *Prata do Tempo*. – 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 1999

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica Feminista*. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas. *Teoria Literária*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

Recebido em 03/04/2018.

Aceito em 16/09/2018.